

COMO O AMBIENTE INFLUENCIA O PROCESSO DE PRODUÇÃO EM ARTE

LUISA DOS SANTOS NUNES BRANCO¹; THAÍS CRISTINA MARTINO SEHN²

¹Universidade Federal de Pelotas – luvetitum@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thais.cristina@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO:

O fazer artístico é um processo pessoal, relacionado a cada artista. De acordo com o espaço que está inserido, a linguagem visual que opta por usar, o suporte e o material explorado, é produzido um universo subjetivo ligado ao cotidiano de criação de uma obra. Esse ritual particular torna-se não apenas funcional no desenvolvimento de seus trabalhos como também cria um tipo de lugar potente de afetos que auxiliam no “ato de criação”. Deleuze (1987) aponta que “a criação é antes algo bem solitário, mas é em nome de minha criação que tenho algo a dizer para alguém” Deleuze (1987). Para alguns artistas plásticos, a reclusão a seus ateliers configura uma prática imprescindível, duradoura e, por vezes, árdua. Onde atravessam dias inteiramente submersos em suas criações, entre estudos de nuances, poéticas e sombras, compondo pequenos fragmentos que, por fim, se entrelaçam e formam a obra recém criada. “O ateliê é, assim, uma espécie de espelho da imagem do pintor enquanto indivíduo e profissional, uma imagem que pode falar por ele” (Nicolich, 2019). Ao ser retirado desse ambiente controlado, o artista tem um desafio que pode interferir em seu processo criativo e no resultado final da obra.

O presente trabalho tem como objetivo descrever a primeira experiência de uma artista plástica, que tem como hábito a criação e execução individual de pinturas em ateliê, em uma pintura mural, fazendo parte do projeto coletivo “Colorindo a sala de Pré parto, Parto e Pós parto: o Impacto da ambiência no processo de parturião”. O projeto foi coordenado pelas professoras do curso de Enfermagem da UFPel, Prof^a. Dra. Ana Paula Escobal e Prof^a. Dra. Carolina Demori, as quais buscaram uma parceria com o curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel, através da intermediação com a Prof^a. Dra. Thaís Sehn. No projeto foram feitas intervenções artísticas na sala de pré-parto, parto e pós-parto (PPP), do Hospital Escola/UFPEL/EBSERH (HE), e foi utilizado como metodologia o design participativo, o design emocional e a criação dos projetos visuais de maneira coletiva (Sehn, et. al., no prelo, 2024).

2. METODOLOGIA

O trabalho trata-se de um relato de experiência (Mussi, et. al, 2021) que reflete sobre as particularidades e influências do ambiente na produção de objetos de arte, os sentimentos em relação à criação e como esses fatores afetam a sua realização. O relato relaciona os contextos históricos e particularidades do universo da produção de arte com a experiência de uma pintora, que produz pinturas em tela, dentro de atelier, em ambiente controlado, individual e solitário, em sua primeira pintura mural coletiva realizada dentro do ambiente hospitalar, na sala de PPP.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a história da arte, os artistas costumavam trabalhar em ambientes que favoreciam seus processos criativos. O local escolhido para produzir a pintura está intimamente ligado às técnicas assim como às subjetividades e particularidades de cada um. O processo de criação de pinturas realistas, por exemplo, demanda minúcia, concentração e um tempo mais prolongado de execução. Os artistas chegam a passar inúmeras horas e até mesmo dias em seu processo criativo,

focados nos estudos e executando seu projeto em fragmentos. A visão romântica dos artistas solitários, encerrados em seus ateliers rodeados de objetos e trabalhos prontos ou em processo é “quase sempre associada ao período que compreende a virada do século XIX para o XX” (Alfaya, 2014, p.1967). Na virada do século, os impressionistas rompem esse estereótipo, ao ir para as ruas captar a essência da luz, com pinceladas rápidas e imprecisas, que são possíveis devido ao uso da recém popularização da tinta acrílica, que seca mais rápido que a tinta a óleo “Algumas pessoas podem considerar os impressionistas os primeiros modernos porque desafiaram certas regras da pintura ensinadas nas academias” (Gombrich, 1972. p.427).

Embora atualmente inseridos em um movimento de livre de expressão, diversidade de suportes, tecnologias, e por muitas vezes efêmero, a arte contemporânea, a pintura em telas nunca deixou de estar presente em nossa cultura e sociedade, e “[...] sua permanência nestes nossos dias de coletivização, imposta pela produção, consumo e comunicação em massa, significa por isso mesmo, um verdadeiro anacronismo na opinião de muitos estudiosos” (Cavalcanti, 1978, p.267).

As práticas de pintura da artista plástica pelotense Luisa Nunes assemelham-se ao estereótipo solitário da virada do século XX. Para ela, a visão do ateliê se assemelha ao descrito por Nicolich (2019, p. 905), onde “O ateliê é o lugar onde a obra de arte ‘nasce’ e, de certa forma, guarda algumas semelhanças com ela”. Pois suas referências e materiais estão lá. A artista trabalha em sua casa/atelier na produção de suas pinturas com tinta acrílica. Para a execução de cada pintura é necessário um tempo de reclusão que pode variar de semanas a meses, dependendo da complexidade de cada uma. Acostumada a realizar seu trabalho sozinha, sabendo da sua disponibilidade de tempo para a execução daquele dia, no qual realiza um ritual, preparando o ambiente com música, celular desligado, iluminação apropriada e atenção voltada apenas à produção da imagem.

Figura 1: Artista trabalhando em seu atelier à esquerda e na sala de PPP à direita.



Fonte: Acervo da Artista.

À convite da professora Thais Sehn, quatro alunas licenciandas em Artes Visuais participaram do projeto Colorindo a sala de PPP, que consistia em realizar pinturas na sala e ante sala da maternidade da FAU, com objetivo de levar a arte para o ambiente hospitalar, trazendo conforto, mensagens de apoio e bem-estar no espaço que trazia um aspecto gélido e monocromático - comumente associado aos hospitais. O projeto foi amparado por pesquisas relacionadas ao design emocional (Desmet, 2002; Sehn, 2021, Sehn, et al, 2024), e design participativo (CAMARGO; FAZANI, 2014), ou seja, a construção do briefing e o planejamento das imagens a serem pintadas, foram criados em conjunto com as enfermeiras e médicas da maternidade, mães que tiveram o parto vaginal (pois a sala não é usada para cesáreas) e as professoras e estudantes envolvidas diretamente no projeto.

Esse primeiro ponto já foi um diferencial no processo criativo, tendo em vista que as artistas contavam com uma avaliação quanto às suas produções, que foram aos poucos formando as imagens que mais se enquadrariam nas questões que eram consideradas relevantes para todo o grupo envolvido e, ainda, possibilitava evocar as

emoções definidas nas etapas anteriores. Dentre as estudantes, Luisa Nunes, pintora, não havia ainda realizado pintura em paredes, e nem mesmo trabalhado na presença de outras pessoas durante seu processo de criação.

Algumas problemáticas relacionadas à prática das pinturas envolvia a disponibilidade das salas onde seriam realizadas as pinturas, duas salas de parto. Havia um planejamento das enfermeiras para que uma das duas salas ficasse disponível, mas houveram dias em que a sala precisava ser utilizada pois uma gestante entrava em trabalho de parto, e isso impedia que o projeto tivesse andamento. Esses contratemplos eram esperados e quando foi possível, as pinturas começaram. Inclusive, algumas foram feitas ao som do choro de um recém-nascido ao invés da música ambiente do ateliê.

Um dos desafios para a artista eram as particularidades do material, em uma tinta de base branca foram adicionados corantes para que se conseguisse as outras tonalidades necessárias às pinturas, como se tratava de um ambiente hospitalar, as tintas utilizadas deveriam ser sem cheiro. O modo como os pinceis se comportam com a textura da parede, a densidade da tinta, e até mesmo as diferenças de tonalidades da tinta ao secar que eram diferentes da tinta acrílica que costumava usar na tela (que mantém o mesmo tom da cor, independente de estar fresca ou seca) criaram problemas que deveriam ser resolvidos no momento da execução, ou seja, fora do ateliê, no período em que a sala não era utilizada e torcendo para não chegar nenhuma gestante em trabalho de parto. Além disso, também houveram adaptações em função das proporções, por ser uma aplicação do projeto em uma superfície de maior dimensão, com interferências de mobiliário e da própria estrutura física. Psicologicamente, havia uma tensão por estar utilizando um espaço hospitalar, zelando pelos aparelhos, que era aberto para os olhares curiosos dos funcionários do espaço e, o maior desafio, era o tempo, pois a sala poderia ser necessária a alguma emergência hospitalar e o trabalho deveria ser interrompido. Diferente da pintura no ateliê, que o artista planeja seu trabalho a serviço dele próprio, deixando com que a própria imagem determinasse o seu processo de formação e nascimento. “No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de relações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, sofrimentos, satisfações, recusas, [e] decisões” (DUCHAMP. 1957).

Ainda que tenha sido realizado um minucioso planejamento, vários esboços foram criados, modificados, refeitos e aprovados, a prática traz consigo suas necessidades e particularidades. As tintas se comportam diferente em relação à iluminação, à secagem, o que gera a necessidade de concentração e atenção no momento de execução da arte no local. A pintura foi realizada praticamente toda em uma tarde, existia a necessidade de outras camadas de tinta para terminá-la. Assim como uma finalização de harmonia e fundo que ficaram para outro momento. Nessa experiência a artista saiu de sua zona de conforto e se submeteu a todos os fatores em prol de um projeto que teve um grande valor comunitário e importância social.

A pintura ainda está para ser terminada, algumas outras vezes houveram a tentativas de retomar mas por diversas questões, ainda não foi possível concluir-la.

4. CONCLUSÕES

Podemos pensar que o local de criação pode ser determinante para o processo de realização de uma obra, durante o fazer artístico diversos âmbitos podem interferir. No caso da pintura em parede, pintura mural, e, especialmente nesse caso, onde seriam realizadas dentro de um ambiente de importância à vida, e com especificidades que a tornavam muitas vezes inacessível, a escolha de uma arte mais simples poderia ser mais adequada. Podemos notar que a artista escolheu

diversos elementos, e sua complexidade aliada ao fato de não ter experiência com a técnica pode ter se tornado um fator que tornou a experiência mais difícil.

A desconexão com o lugar onde já é familiar, onde suas tintas e pinceis possuem seus próprios cômodos, uma pausa é feita no momento que o corpo pede, usando suas roupas mais confortáveis, deixando o ritmo das complexidades pictóricas guiarem o tempo, distantes das interferências alheias, são questões que podem ser banais para alguns artistas mas não para outros, isso faz parte da maneira como melhor se expressam. Por fim, e apesar de tudo, lançar-se em novas experiências também faz parte para uma evolução dentro do olhar sensível, potencializa repertório plástico, gera novas possibilidades de criação, de conexão, principalmente em um projeto de importância social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFAYA, M. **A Gravura e o Artista, o Atelier e a Solidão.** 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos”. Belo Horizonte - MG. P. 1967-1967. 2014.
- CAVALCANTI, C. **História das Artes.** Rio de Janeiro: Editora Rio, 1978.
- Colorindo PPP. **Colorindo a sala de Pré parto, Parto e Pós parto: o Impacto da ambiência no processo de parturição.** Pelotas, 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/colorindoppp/> Acesso em: 09/10/2024.
- DESMET, P. **Designing emotions.** Delft, The Netherlands. Tese de Doutorado. Delft University of Technology, 2002.
- DUCHAMP, M. **O Ato Criador,** Texto apresentado à Convenção da Federação Americana de Artes. Em Houston, Texas, USA, abril de 1957.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. **Folha de São Paulo.** São Paulo, v. 27, 1999. Tradução de: José Marcos Macedo. Disponível em: <https://bit.ly/3gH4kT1>. Acesso em: 15 set. 2022.
- NICOLICH, N. S. **Um canto de ateliê: questões de abordagem e compreensão das pinturas de ateliê sem o artista entre 1883 e 1926.** Encontro de História da Arte, Campinas, SP, n. 14, p. 902–909, 2019. DOI: 10.20396/eha.vi14.3385. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3385>. Acesso em: 09 out. 2024.
- MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista , v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 out. 2024. Epub 25-Nov-2021. <https://doi.org/10.22481/praxedu.v17i48.9010>.
- OLIVEIRA, M. M. **ATELIÊ DE ARTISTA PROBLEMATIZAÇÃO E USO.** 2022. Monografia e Projeto apresentados ao Curso de Design do Departamento da Politécnica. Universidade Católica de Goiás.
- SEHN, T. C. M., ESCOBAL, A. P. de L.; NUNES, M. Q., FERREIRA, R. de M., CARMO, L. L. do, BRANCO, L. dos S. N., DEMORI, C. C. Design Positivo aplicado às salas de pré-parto, parto e pós-parto. In: OLIVEIRA, G.G. de; NÚÑEZ, G.J.Z.; PASSOS, J. E.; **Design em Pesquisa** – Volume 6. Porto Alegre: Marcavisual, 2024. E-book. Será disponibilizado em <http://www.ufrgs.br/iicd/publicacoes/livros>. Acesso em 10 de out. 2024 (no prelo).
- SEHN, Thaís C. M., **Leitura a dois:** design de livro com foco no ouvinte adulto. 2021. 445 f. Tese (Doutorado em Design) – Escola de Engenharia / Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.